

O poema como *ficção* do poema. A questão da (auto-)referência na poesia moderna à luz de António Ramos Rosa

A chamada “poesia moderna”, cujos contornos foram cinzelados por poetas como Baudelaire, Mallarmé, Rilke e Rimbaud, constitui-se em grande medida em torno de uma aspiração que é bem formulada por Heidegger na conferência “Para quê poetas?” (1946), a de o poema se assumir como “um ensaio de meditação poética”. Fazendo-se assim — como também diz Heidegger no referido texto — “poema da essência do poema”, a poesia moderna encontra a sua força motriz na tensão gerada por dois exigentes desafios: o de diluir a fronteira entre discurso poético e discurso crítico, por um lado, e, por outro, o de libertar a referência poética de uma lógica de expressão ou tradução de algo anterior ou exterior ao poema.

No quadro da poesia moderna portuguesa, tal meditação em torno do próprio fazer poético encontra o seu exemplo mais fulgurante na obra do poeta e ensaísta António Ramos Rosa (1924-2013). Grande parte da sua poesia e dos seus ensaios constitui-se como a tentativa de trazer à luz algo que é claramente explicitado num artigo intitulado “O indeterminável e o desconhecido na poesia moderna” (*Revista Crítica de Ciências Sociais*, Mar. 1988): “Todo o poema é uma ficção, ou seja, a formulação de um desconhecido indeterminável. Por isso nele nada se traduz ou exprime.” É por via da defesa desta dimensão inaugural e autónoma do poema que Ramos Rosa, concordando com a afirmação de G. Steiner em *Real Presences* (1989) segundo a qual a criação artística é uma contra-criação, situará a poesia, bem como toda a arte, num domínio trans-histórico.

A partir de alguns textos de Ramos Rosa, entre os quais destacamos o artigo atrás referido e os livros de poesia *Ficção* (1985) e *As Palavras* (2001), procuraremos compreender em que medida o poema se constitui como “ficção” de si mesmo, assim como as implicações que tal concepção de poesia tem ao nível da referência poética e da relação poesia-história.

Palavras-chave: poesia moderna; desconhecido; ficção; auto-referência; António Ramos Rosa.

Bibliografia fundamental:

BLANCHOT, Maurice, *L'Espace Littéraire*, Paris, Gallimard, 1955.

HEIDEGGER, Martin, *Caminhos de Floresta*, coord. científica e da trad. Irene Borges-Duarte, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

ROSA, António Ramos, *Poesia, Liberdade Livre*, Lisboa, Livraria Moraes Editora, 1962, p. 26.

_____, *A Poesia Moderna e a Interrogação do Real I*, Lisboa, Arcádia, 1979.

_____, “O conceito de criação na poesia moderna – tópicos para um itinerário”, *Colóquio/Letras*, 56, Julho de 1980, pp. 5-11.

_____, *Ficção*, Porto, Nova Renascença, 1985.

_____, “O indeterminável e o desconhecido na poesia moderna”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 24, Mar. 1988, pp. 187-189.

_____, *A Parede Azul: Estudos sobre Poesia e Artes Plásticas*, Lisboa, Editorial Caminho, 1991.

_____, *As Palavras*, Porto, Campo da Letras, 2001, p. 16.

STEINER, George, *Real Presences* [1989], Chicago, The University of Chicago Press, [1992].